



OS SENHORES DE ROMA

CALÍGVLA

ALLAN MASSIE

OS SENHORES DE ROMA

CALÍGVLA

ALLAN MASSIE

TRADUÇÃO
BEATRIZ HORTA



**COPYRIGHT © ALLAN MASSIE, 1993
ALL RIGHTS RESERVED.**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**
Preparação: **DANIEL RODRIGUES AURÉLIO**
Revisão: **BÁRBARA PARENTE e THÁIS ENTRIEL**
Capa: **RENATO KLISMAN | SAAVEDRA EDIÇÕES**
Projeto gráfico e diagramação: **CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Massie, Allan 1938-

Calígula / Allan Massie ; tradução de Beatriz Horta —
São Paulo: Faro Editorial, 2021.

224 p. (Os senhores de Roma)

ISBN: 978-65-5957-008-9

Título original: Calígula

1. Ficção inglesa 2. Calígula, Imperador de Roma, 12
D.C. -41 D. C. - Ficção I. Título II. Horta, Beatriz III. Série

21-1853

CDD 823.914

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa



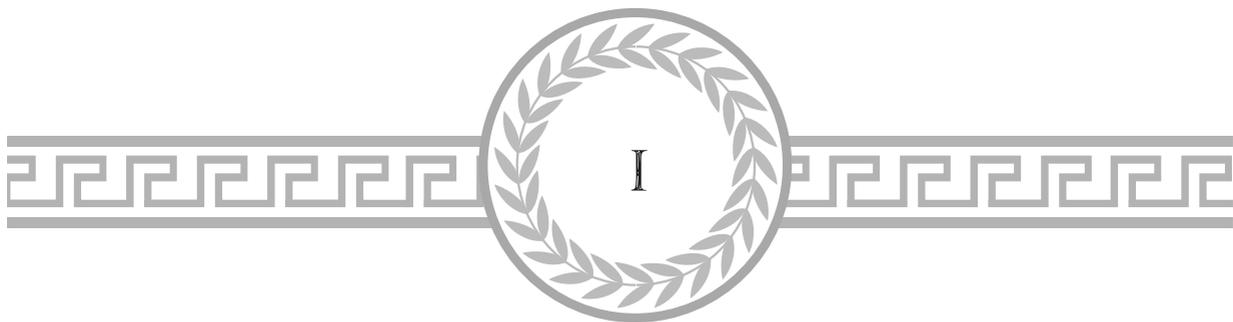
2ª edição brasileira: 2021
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR



É MAIS DO QUE UM PEDIDO. É UMA ORDEM A QUE NÃO OUSO DESOBE-decer. Gostaria muito de me recusar, ficaria feliz descansando aqui no meu retiro isolado, longe do tumulto, tendo como único som o ciciar das cigarras nas oliveiras, meu olhar pousado no mar distante e indiferente, vendo agora apenas uma calma azul que parece vir direto do céu. Com que alegria repouso nessas colinas perfumadas, sem qualquer obrigação, glória militar ou política, ouvindo apenas o canto da sereia que o velho imperador gostaria de ouvir na esperança de assim acalmar seu espírito atormentado.

E agora chega essa ordem, sem mais detalhes, para que eu escreva a biografia do falecido imperador Gaio, cuja morte é lamentada por poucos. Por que ela quer isso? Para quê? Com que maligna finalidade? Claro que você pode achar, como disse, a sério, o meu jovem Agaton, que o pedido é uma honra, e que ela o faz em nome da família. Concordo, até certo ponto. Não lhe falta dedicação familiar. Sei disso, a minha própria custa. E talvez ela ainda tenha um pouco de afeto por mim, supondo-se que seja capaz de sentir isso por alguém que não seja seu charmoso filho. Mas por que uma biografia de Gaio? Para que o resgatar? Essa deve ser mesmo a sua intenção. Não seria melhor encomendar a biografia, mais uma, do pai-herói dela, o grande Germânico? Faço essa mesma pergunta a Agaton, embora ele não entenda nem se interesse pelo tema, pois tem uma jovial falta de curiosidade pelo passado. Por que não haveria de ter? Ele vive totalmente no presente e só se preocupa com o meu conforto, já que assim garante o dele. Quanto a mim, sinto prazer em sua companhia, mas não o amo. Não amei ninguém

desde que Cesônia me foi tirada e até duvido se realmente a amei, ou se não fui apenas (apenas!) envolvido e dominado por ela. Talvez eu nunca tenha sido capaz de amar, no melhor e mais amplo sentido da palavra, mas só de sentir lascívia. Isso, com certeza e com frequência. Como Agripina e eu nos entregamos ao amor, naquele ano em que tivemos um caso! Agora, até isso passou. Eu apenas brinco com Agaton, nada mais, esse grego de dezoito anos e cabelos cacheados, rosto sério, olhos brilhantes e sombreados por longos cílios de moça e músculos lisos. Quando o vi pela primeira vez, lembrei de versos de Horácio de que há muito gostava: “Se você o colocar em meio a moças, nem os mais iniciados conseguirão distingui-lo”. Então o comprei. Isso foi há três anos. Hoje, acho que gosta de mim do seu jeito moderado, e eu me sinto à vontade com ele.

Esses pensamentos me distraem, por isso entrego-me a eles.

Escreve Agripina:

“Ninguém conheceu Gáio melhor e por mais tempo do que você. Ninguém foi tão fiel a ele. Rogo então que seja fiel também à memória dele, pobre Gáio. “Pobre Gáio”, um toque de ternura que não é comum nela. Vou aceitar, já que não tenho escolha.

E me manterá ocupado. Pode ser também que me faça compreender o fracasso em que transformei minha vida e as injustiças de nosso tempo. Mas, se fizer isso, se escrever tudo o que sei e ousar lembrar, não servirá para o que Agripina quer. Portanto, vou escrever em primeiro lugar para mim mesmo (e para a posteridade), depois preparo uma versão maquiada ou limpa para a imperatriz.



SERÁ QUE EXISTE ALGUMA COISA NA VIDA, ATÉ MESMO O PRIMEIRO Amor, mais emocionante do que assumir seu primeiro posto militar? É a hora em que você se torna, aos seus próprios olhos, um homem. É o momento para o qual, como nobre romano, você foi educado. Meu coração cantava pelo longo caminho que ia de Roma ao Reno. Nada, nem o frio, nem a chuva, nem as hospedarias ruins, nem a insolência de um magistrado que encontrei em Lião, poderia me abater. Eu tinha dezoito anos, era rico, bonito, com antepassados que faziam meu nome ser respeitado e estava a caminho de servir como oficial do Estado-maior do neto do imperador Augusto Germânico César, já considerado o mais audacioso general da época, o preferido dos soldados e que certamente seria o futuro imperador. Eu tinha certeza de que alcançaria a glória ao lado dele. Meu tio, que conseguiu minha nomeação, também tinha certeza de que o posto me colocaria no primeiro escalão de preferência.

Na verdade, embora nos referíssemos a Germânico como neto do imperador ou *princeps*, como Augusto ainda preferia ser chamado, o termo não era muito exato.

Apesar de eu estar escrevendo para mim e não, como será a versão posterior, para Agripina, me ocorre que meus próprios netos ou até meus bisnetos podem um dia querer ler a versão integral e sem correções, no mínimo para saber que tipo de homem fui e talvez para conhecer a verdadeira história de meu tempo, em vez da versão autorizada.

Portanto, para o bem deles, eu deveria mostrar as relações de parentesco dentro da família imperial, como tínhamos, com vergonha, passado a chamá-la.

Na época em que escrevo, Augusto ainda era vivo e sua autoridade era incontestável. Ele estava bem idoso, com setenta e tantos anos e, embora sofresse de reumatismo nos dias frios e não tivesse tido boa saúde na juventude, continuava firme e forte. Eu o conhecia, meu avô foi amigo dele quando ambos eram jovens. Menino, eu costumava encontrá-lo caminhando no Palatino; ele dava um tapinha no meu rosto ou puxava minha orelha e dizia:

— Espero que, quando crescer, você não seja bobo como seu avô.

Depois, ria e me dava um doce ou um damasco seco.

Isto não vem ao caso. Augusto foi casado três vezes, mas só teve um descendente, Júlia. A mãe dela, Escribônia, era prima de meu avô. Portanto, Júlia era uma espécie de minha prima também. Mas, como nasci quando meu pai estava idoso, filho da quarta mulher dele, eu era mais jovem que os cinco filhos de Júlia.

A própria Júlia foi casada três vezes: primeiro, com Marcelo, sobrinho de Augusto; depois, com Marcos Agripa, amigo próximo dele, homem de origem humilde, mas de grande capacidade. Por último e tragicamente, foi casada com Tibério, que era enteado do imperador.

AGRIPA ERA PAI DE TODOS OS FILHOS DELA. DUAS MENINAS, AGRIPINA E Júlia. (Agripina é chamada “a velha” para diferenciar da filha dela de mesmo nome, que encomendou essa biografia.) Daqui a pouco, você vai saber mais dela, mas a filha Júlia não entra no meu relato.

Havia também três meninos: Gaio, Lúcio e Agripa, chamado Póstumo porque nasceu após a morte do pai. Augusto adorava os dois primeiros e teria feito deles seus herdeiros, mas a morte atrapalhou seu propósito. O jovem Agripa era um idiota, dado a atos violentos, foi preso e, mais tarde, morto.

Quando Augusto se divorciou de Escribônia porque ela o aborrecia, casou-se com Lívia.

Viveram juntos por mais de quarenta anos. Minha mãe costumava resmungar que ele “tinha medo de se divorciar”, mas isso era quando estava

zangada com Lívía. Se estava mais calma, dizia que os dois “eram o casal perfeito”. Podem ter sido. Quem sabe a verdade de um casamento?

Lívía tinha dois filhos do casamento anterior: Tibério e Druso. No momento adequado, vou contar mais sobre Tibério, bem mais. Druso morreu antes de meu relato começar, mas o filho dele foi meu comandante Germânico César, casado com Agripina, neta de Augusto. Assim, de certa forma, é justo chamar Germânico de neto do imperador, já que era filho do enteado e marido da neta de Augusto.

Havia uma outra ligação. A mãe dele era Antônia, filha de Marco Antônio, que foi, primeiro, colega de Augusto e depois, seu rival — e de Otávia, irmã de Augusto, de quem ele gostava muito. Mais tarde, Marco Antônio largou Otávia ao ser seduzido pela rainha egípcia Cleópatra. Porém, Otávia e Antônia sempre foram consideradas membros da família imperial, e Augusto ficou feliz quando Antônia se casou com seu enteado Druso. Foi um matrimônio feliz, e Germânico sempre falou bem dos pais. O pai, como eu já disse, tinha morrido quando conheci Germânico, e os homens acham mais fácil falar bem do pai morto do que do vivo. O mesmo ocorre em relação aos filhos que morrem antes dos pais. Muitas vezes, eles ficam perfeitos graças a uma morte prematura.

É interessante, entretanto, dizer que a história de Germânico seria diferente, se o pai dele fosse vivo. Assim como a história de Roma.

Resumindo: viajei para o norte cheio de expectativas. Fui recebido à altura de minhas origens e também como amigo.

Germânico me deu tapinhas nas costas, me abraçou e beijou nas faces.

— Aqui não há cerimônia, minha esposa e eu consideramos todos os jovens oficiais como membros da família— disse ele.

Fiquei encantado com aquela recepção calorosa. Claro que ruborizei de prazer e orgulho. (Enrubescia facilmente, na minha virtuosa juventude.) É natural que um jovem oficial fique embevecido com as boas-vindas afetuosas de seu comandante, mas não era só isso. Germânico tinha sido meu herói, até meu ídolo e inspiração desde menino, e eu acompanhei sua excelente atuação nos Jogos Troianos, nos quais Augusto gostava de ver os jovens aristocratas.

Há em Roma e outras cidades do Império muitas estátuas de Germânico, mas nenhuma que eu tenha visto faz justiça a ele. Mostram que foi um homem bonito, o mais bonito de sua época, como todos

concordavam, mas não conseguem captar sua sedução ou sua vivacidade. Nenhum escultor, nem mesmo Fídias (o maior entre os gregos), foi capaz de transmitir ao mármore a força e a delicadeza que ele possuía. Nenhum foi capaz de transmitir seu sorriso pronto, e, claro, sendo as estátuas mudas, não podem dar ideia da voz dele, ao mesmo tempo leve e firme, e que fazia do pior latim uma língua suave como o grego.

— Mas, claro, eu ia me esquecendo de que você é mesmo da família. Agripina está ansiosa por sua chegada — disse Germânico.

Percebi logo que era típico de Germânico incluir Agripina na conversa. Os dois realmente se adoravam. Nunca houve casal tão harmonioso, só tinham olhos um para o outro. Acho que desde o dia em que se casou, Germânico jamais olhou para outra mulher. Quanto a Agripina, era tão virtuosa quanto determinada. Não é de se estranhar que tenham tido nove filhos. Infelizmente, três morreram pequenos, para grande dor dos pais. Um deles, chamado de Gaio como o caçula, era adorado por todos. Quando morreu, a bisavó Lívia encomendou uma estátua dele em trajes de Cupido para a Vênus do Capitolino, e ouvi dizer que Augusto tinha uma réplica dessa estátua no quarto, que beijava toda vez que entrava no aposento. É agradável lembrar essa terna afeição, considerando os infortúnios que a família imperial iria se causar.

Germânico me levou então até Agripina, falando sem parar da minha viagem e sem deixar de cumprimentar com um sorriso ou uma palavra simpática os legionários que encontramos pelo caminho.

As crianças estavam jantando. Agripina sempre acompanhava essa refeição, em vez de deixar por conta das escravas, como era hábito. Costumava dizer que os filhos eram suas joias e nada a agradava tanto quanto cuidar deles. Sem dúvida, isso era verdade, mas acho que a explicação para seu comportamento incomum está em sua própria infância. A mãe, Júlia, era uma famosa promíscua e talvez você saiba que o pai dela, Augusto, chegou a exilá-la e colocá-la em prisão domiciliar devido a sua evidente e notória imoralidade. Com isso, Júlia descuidou dos filhos, que teriam crescido largados, não fosse o amor de Augusto e, com menos intensidade, o de Lívia. Agripina sempre me disse que, apesar disso, sua infância tinha sido miserável e ela tinha mágoa principalmente do sisudo e reservado padrasto Tibério, filho de Lívia e futuro imperador. Ela raramente falava de Júlia e

também não gostava do seu comportamento. Por isso, tinha decidido que seus filhos receberiam muito amor e segurança.

Talvez tenha exagerado na intensidade. Os mais velhos, Nero e Druso, gostavam tanto dela que o maior medo deles era magoá-la. Embora tenham chegado à idade adulta, nenhum dos dois amadureceu. Quanto a Gaio... bem, falarei nele depois.

Foi assim que o vi pela primeira vez: andava pelo aposento pisando firme, vestido com um uniforme de soldado mirim e empunhando uma espada de madeira com a qual batia nas costas dos irmãos. Nisso, a irmã Drusila pegou-o no colo e cobriu seu rosto de beijos. Depois, ofereceu o rosto para Germânico beijar, enquanto o menino, que não tinha ainda três anos, lutava e reclamava que era soldado e não devia ser beijado. Todos riram dele e o chamaram de “bichinho”, “carneirinho” e coisas assim. Germânico pegou o menino, colocou-o nos ombros e disse:

— Agora você é o general do exército, o comandante em chefe. — E Gaio ficou eufórico.

Enquanto isso, o pequeno Nero, embora com apenas sete anos, me cumprimentou, sério, dizendo que esperava que eu tivesse feito boa viagem.

Mais tarde, após o jantar, com a presença dos demais jovens oficiais, Agripina pediu que eu ficasse um pouco mais para “discutir assuntos de família”. Era só uma desculpa. Ela queria saber como andavam as coisas em Roma, e “coisas” para ela significavam, claro, a política.

Primeiro, o interesse dela me surpreendeu. As únicas mulheres que eu conhecia bem eram minha mãe e minhas tias, que jamais falavam de política. Hoje, não as condeno. O marido de uma das tias, o austero, porém brutal, T. Quíntio Crispino, foi um dos acusados de adultério com Júlia, a filha do imperador, afastado do Senado e exilado. Meu pai sofreu a mesma coisa, pelo mesmo motivo, na mesma época — injustamente, garantia minha mãe. Não importa: essas senhoras sabiam muito bem do perigo e do horror de se envolver em política na Nova Roma, onde, já no governo de Augusto, o bondoso “pai da nação”, as pessoas estavam aprendendo a ser discretas até na própria família e a não dizer o que pensavam nem para os amigos próximos. Por isso, minha mãe e as irmãs se ocupavam apenas das tarefas domésticas e só falavam de banalidades.

Assim, quando Agripina começou a me fazer perguntas, fui inicialmente discreto. A seguir, quando começou a dar opiniões só para me testar, fiquei desconfiado, depois assustado e, finalmente, perplexo. Ela me parecia incrivelmente destemida. Fiquei honrado por confiar em mim e só lastimei que, devido às minhas habituais timidez e discrição, mesmo com os da minha idade e posição, devo ter parecido ignorante e bobo, uma grande decepção.

Augusto estava morrendo. Ela disse que todo mundo sabia disso e muitos estavam com medo, outros, animados. Parecia que ele nunca mais largaria o posto. Era preciso ter sessenta anos para se lembrar de Actio e das guerras civis que terminaram com a morte de Antônio. Mas, pelo menos no título, Roma continuava sendo uma República. No enorme relato que escreveu sobre seu governo, o *Res gestae*, Augusto se vangloriou de ter restaurado a República e dizia que embora tivesse o mesmo poder que seus colegas, superava-os na autoridade, uma diferença sutil que não enganava ninguém.

Mas, sem dúvida, alguns romanos, entre eles, meus tios e primos, ansiavam pela restauração da verdadeira República. Vã esperança.

Agripina sabia mais. Sabia que nós, minha família e os da nossa classe, éramos apenas nobres. Ela e sua família eram imperiais.

— Meu padraсто Tibério — disse ela — finge ser um republicano da velha escola. Está sempre reclamando do que chama de “presunção dos que pertencem ao Império, uma ofensa para a nobreza”. Ele é bem consciente de ser um claudiano, membro de uma família que pode se vangloriar de ter tido cônsules durante séculos. Mas quando está bêbado, o que acontece muito, reclama que o pai de Augusto era um agiota do interior, enquanto meu pai Marcos Vipsânio Agripa não era ninguém, nada se sabe do pai ou da família dele. Bom, pode ser, mas foi um grande homem e um grande general.

E continuou:

— Quanto a Tibério, é um velho impostor, como você sabe. Quando Augusto morrer, Tibério vai dizer que não merece ser o sucessor e que deseja que o Senado retome sua antiga primazia, e então, espere e verá, vai assumir todos os poderes de Augusto, dizendo que foi obrigado.

Fiquei tão encantado com sua franqueza, a ponto de ser imprudente.

— Tem mais algum candidato à sucessão? — perguntei. — Seu irmão Agripa Póstumo?

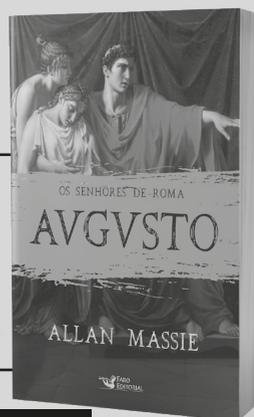
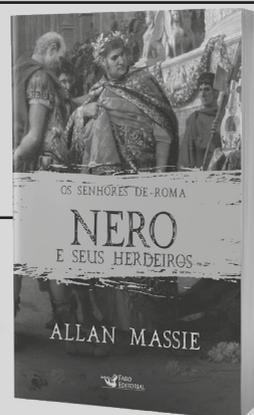
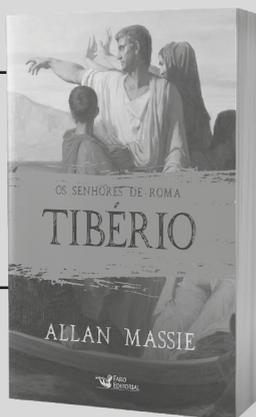
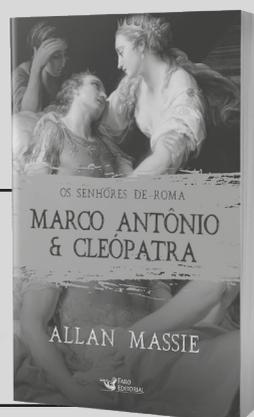
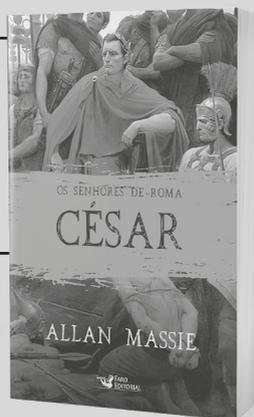
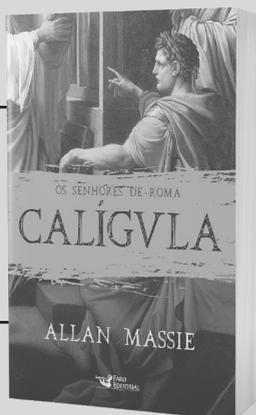
— Pobre Póstumo, ninguém gosta dele — lastimou. — É o maior inimigo dele mesmo, depois de Tibério e de Lívia, claro. Não podemos esquecer a velha diaba. Ela o detesta. Também me detesta. Tenho a sorte de ela adorar Germânico. Bom, todo mundo gosta, menos Tibério, óbvio. Ele é ciumento demais.

Ela estava certa sobre Tibério e também sobre o irmão. Este viveu poucos dias do novo governo. Dizem que foi morto por ordem póstuma (grande ironia) de Augusto, outros dizem que a culpada foi Lívia e outros ainda garantem que foi Tibério. Ninguém sabe e nem interessa saber.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

COLEÇÃO “OS SENHORES DE ROMA”



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO
EM SETEMBRO DE 2021